

3.2 RIOS E RUAS

ENTREVISTA COM RIOS E RUAS – José Bueno e Luiz De Campos Jr.



JOSÉ BUENO

Arquiteto e Urbanista graduado pela FAUUSP. Desde 1994 dirige o Dojo Harmonia que oferece experiências de desenvolvimento humano por meio da arte Aikido. Coordena o projeto Tintim de educação não-formal entre gerações e é cocriador do Projeto Rios e Ruas. É diretor do Instituto Harmonia.



LUIZ DE CAMPOS

Co-criador da iniciativa Rios e Ruas, tem formação nas áreas das Ciências da Terra, Educação e Comunicação. Trabalha profissionalmente com a temática dos “rios invisíveis” de São Paulo desde 1995, realizando pesquisas e expedições, coordenando cursos, oficinas e colaborando na produção de materiais paradidáticos e audiovisuais.

Revista LABVERDE: Como surgiu o movimento Rios e Ruas?

Luiz de Campos Jr: Eu tenho contato com esta história dos rios ocultos da cidade de São Paulo há uns 18 anos. Trabalhei com isso durante 15 anos, mas sempre num ambiente acadêmico ou escolar. Em maio de 2010 eu conheci o José Bueno e então nasceu o Rios e Ruas.

José Bueno: E nasceu numa mesa de café. Eu estava buscando educadores pra criar experiências vivenciais em ambientes informais, um formato de aprendizado que fosse mais vivo, emocionante e livre. Fomos apresentados por um amigo em comum. O Luizentão me disse sua frase famosa, de que a duzentos metros de onde você estiver

em São Paulo você encontra um curso d'água. Perguntei se era possível ir ao encontro destas águas. E a gente foi para minha casa na Vila Indiana de onde saiu a primeira expedição Rio e Ruas. Achamos uma nascente de rio a 100m de casa, num terreno que, para mim, era baldio, abandonado. Eu não tinha até então o olhar para as águas e partir daquele dia aquele lugar passou a ser, para mim, a nascente do Rio Iquiririm, batizado com o nome da rua, e que curiosamente significa rio silencioso (seu nome oficial é Pirajussara Mirim). É o nome das ruas denunciando a presença das águas. A gente seguiu este rio descobrindo que ele passa por duas escolas, uma delegacia, entra no instituto Butantã e desagua, dentro da USP, no Rio Pirajussara. Esta foi a experiência “mãe” do Rios e Ruas que a gente resolveu reproduzir para mais pessoas.

LV: No que consiste as oficinas?

Bueno: As oficinas incluem uma parte conceitual onde são apresentados os mapas e a hidrografia. Tem um grande quebra cabeça do mapa de São Paulo, sem as ruas, mostrando a macro realidade dos rios. É uma atividade lúdica para sensibilizar a experiência. Depois de monta-lo as pessoas começam a se posicionar no mapa, falar de suas memórias afetivas de rios, de onde morava, de onde estudava... e isso começa a trazer os rios para perto das pessoas.

A experiência culmina num passeio, que é o coração da oficina Rios e Ruas. Vamos a campo fazer o reconhecimento de um rio desde as nascentes, onde vemos os indícios da presença de água, e depois todo o percurso, eventualmente até a foz.



Jovens participam da oficina Rios e Ruas em Jardim Elisa Maria.

Luiz: Tem uma coisa importante que vem desde a origem meu trabalho. Os rios são o ponto de partida, mas são quase uma desculpa para se falar sobre a cidade, sobre as pessoas e sobre nossa relação com o ambiente onde a gente vive. A partir da hidrografia você vai falar de segurança, de mobilidade, de lazer, de espaço público, além da relação que a gente tem com a natureza da cidade. A questão técnica não falta, os dados estão aí para quem quiser se aprofundar, o que falta ser explorado é aquilo que move as pessoas e que tem a ver com a vida delas.



Crianças e adultos descobrindo o Córrego Verde sob o asfalto. Expedição Rios e Ruas na Vila Madalena.

Bueno: É uma reconexão com o que é permanente e essencial no lugar, com o que é vivo! Eu tenho falado sem cerimônia de uma dimensão espiritual. Comove muito as pessoas quando a gente fala de curar nossa relação com a natureza e com o lugar onde vivemos, é um exercício muito pragmático da mais profunda religiosidade.

LV: A relação entre as enchentes e a ocupação das várzeas por ruas e construções é ainda uma informação que surpreende as pessoas?

Luiz: É uma descoberta! É lógico que quando a gente começa a trabalhar com as pessoas elas fazem a relação imediatamente, mas ficam surpresas como nunca pensaram sobre isso. Com a maioria das pessoas é assim.

Uma impressão que eu tenho muito forte é que tudo é feito para que as pessoas não tenham esta consciência, de que isto é escondido delas para que elas não façam esta relação. O discurso das gestões geralmente é assim, “precisamos limpar o bueiro, precisamos fazer um piscinão”, ninguém faz as relações com a várzea, com o curso natural do rio, que ali tem um córrego ou o encontro de dois córregos. No verão quando sai uma notícia no jornal, “Inundação ontem à tarde durante a chuva na Praça da Bandeira”, a gente traduz, “É época de cheia no encontro do Itororó, Bexiga e Sara-cura”, a gente denuncia para as pessoas uma realidade que está ali encoberta. Então fica evidente que lá é um lugar para encher.

Bueno: A gente está numa curva, encerrando uma era de orgulho em controlar a natu-

reza. A curva que a gente está fazendo é para achar um lugar um pouco mais humilde, porque existe uma certa arrogância. A natureza não é algo controlável e a gente pode saber como conviver com ela. O paradigma agora é de coexistência e fruição.

LV: Devido à condição calamitosa de nossos cursos d'água é comum a associação direta entre rio e esgoto. Como vocês acham que esta percepção pode mudar?

Bueno: A gente faz um saneamento perceptivo para mostrar que rios e esgoto não são sinônimos. Parece que há um “transe” quando você pergunta como estão os rios de São Paulo. Dirão que eles são esgotos. Este “transe” foi o que justificou o soterramento de todos eles, porque todo mundo quer o esgoto enterrado. Ao fazer esta limpeza de significado, mostrando que esgoto precisa sim ser canalizado e tratado, mas que os rios merecem outro tratamento, a gente começa a desfazer esta associação perversa.

Luiz: Esta ideia de que o saneamento começa no olhar e no mental é muito importante, porque as pessoas acham que o saneamento começa na coleta do esgoto e portanto é só deixar na mão do poder público. Não é assim que funciona. É mais fácil a população ganhar uma nova percepção e aí demandar do poder público que ele faça o que é necessário e coerente com esta nova percepção.

Bueno: A gente está fazendo um tipo de política inversa, como talvez devesse ser o jeito de se fazer política, por pessoas interessadas na *polis*, na cidade. Tem que haver uma massa crítica, como se viu com o movimento pelas bicicletas, com as pessoas desejando pedalar, comprando bicicletas, fazendo debates. A discussão abriu caminho para uma política pública para uma cidade mais amiga da bicicleta. É um caminho que vem debaixo, das conversas, dos bares, dos encontros, das faculdades, vem da rua.

LV: As comunidades visitadas acreditam na possibilidade de recuperação e renaturalização através de destamponamento e criação de parques lineares? Já houve, como resultado das expedições, reivindicações comunitárias neste sentido?

Luiz: A gente tem o exemplo em São Paulo do Córrego do Pirarungáua, no Jardim Botânico, que ficou setenta anos numa galeria. Em 2007 a galeria teve um problema e alguém teve a ideia maravilhosa de abrir em vez de concertar a galeria. O rio hoje tem

cachoeirinha, margens com vegetação nativa e peixes. As vezes a gente vai buscar exemplos lá na Coréia, mas tem um aqui.

Mas quando a gente chega numa comunidades de periferia, nunca chegamos dizendo “vamos deixar este rio aberto”. Primeiro fazemos o trabalho de integração das pessoas com seu ambiente. A partir daí as pessoas começam a se perguntar se é solução cobrir. A gente fez um trabalho no Parque Estela em Guarulhos que deu origem a uma mobilização para reivindicar da prefeitura não só um parque linear, mas também a desocupação das margens que o poder público ocupou, e saneamento, porque a primeira coisa que tinha que acontecer era cuidar do esgoto.

Bueno: A reivindicação começa a ser uma reivindicação da cidade e seu espaço público e na medida em que todo munda vai para a rua as reivindicações começam a se somar. Tem o pessoal que quer mais praça, mais banco, o pessoal que quer mais rio, o pessoal que quer mais ciclovias. O Rios e Ruas se soma a uma série de outros coletivos de pessoas que estão voltando a ocupar a rua e reivindicando a cidade que foi entregue ao mercado imobiliário e aos automóveis. E se a rua está ocupada por pessoas a gente vai voltar a ter uma cidade segura, porque nós vamos estar lá. A insegurança e violência são frutos, um pouco, do abandono, do lugar desocupado. Neste sentido o Rios e Ruas é também um trabalho que presta à segurança pública.

LV: O que vocês acham que deve ocorrer para que avancemos na requalificação de nosso sistema de rios urbanos?

Bueno: Eu tenho a convicção de que a criação de uma nova cidade vem de um ciclo virtuoso. Uma percepção diferenciada gera uma conexão diferenciada, mais profunda, que gera uma transformação, que por sua vez gera uma nova percepção, num ciclo. Tudo começa limpando os olhos e abrindo os ouvidos. E temos que desacelerar um pouco. São Paulo tem esta *nóia* de que “precisa ser para ontem, não pode parar. Uma das coisas que a gente percebe de valor no Rios e Ruas é tirar as pessoas do automóvel, da velocidade que elas vivem. Desacelerar para que possam ver o que está acontecendo.

Luiz: Nosso foco principal é que as pessoas saibam que os rios existem, ninguém vai querer conservar e limpar o que não sabe que existe, e não vai haver nenhuma pressão social sobre isto.

Bueno: Eu tenho terminado as conversas voltando para o cafezinho que eu tomei com o Luiz lá atrás. O cafezinho é o símbolo do “começar pequeno”: dois cidadãos,

um geógrafo e um arquiteto, interessados na qualidade do viver e comprometidos com isso. O sonho nosso é ver todos os rios da cidade de São Paulo e de todos os centros urbanos do país, livres. Este é o grande sonho, mas não é maior que uma pequena oficina que a gente faça na Brasilândia para vinte ou trinta crianças. O pequeno gesto está completamente alinhado a este sonho.

Se a gente criar um caso, num bairro desta cidade que é São Paulo, de duzentos metros de rio aberto e renaturalizado, a gente dispara um processo sem volta, de reflexão, recuperação, e revitalização, não só na cidade de São Paulo, mas em todo o país. Isso vai criar um impacto sistêmico poderosíssimo. Se eu terminar minha via com duzentos metros de rio aberto é missão cumprida, porque agora não tem mais volta. E a gente vai viver isso, a gente ainda vai nadar em rio.

Mais informações:

Blog: <http://rioseruas.wordpress.com/>

Facebook: <https://www.facebook.com/rioseruas?fref=ts>